

COMECON

GUIA DE ESTUDOS

4 A 8 DE OUTUBRO



WWW.SOI.ORG.BR

*Saibam disto: Aquele que caiu como
cinzas no chão
Aquele que nunca foi oprimido
Vai se erguer mais alto que as grandes
montanhas
Nas asas de uma esperança radiante.*

Josef Stalin, 1895

ABREVIACÕES

BICE – Banco Internacional de Cooperação Econômica

COMECON – Conselho para Assistência Econômica Mútua

EUA – Estados Unidos da América

GN – Gás natural

KMT – Kuomintang (Partido Nacionalista Chinês)

ONU – Organização das Nações Unidas

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PCC – Partido Comunista Chinês

RCT – Revolução Científica e Tecnológica

RPC – República Popular da China

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

ABREVIACÕES.....	3
CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	5
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONTEXTO HISTÓRICO DO COMITÊ	13
2.1 Primeiros passos e concepção.....	15
2.2 Sessões anteriores e cronologia	16
3 O CONSELHO PARA ASSISTÊNCIA ECONÔMICA MÚTUA	20
3.1 Estrutura institucional.....	20
3.2 Competências.....	22
3.3 Membresia	23
4 TEMA ÚNICO: A reforma do Bloco Soviético frente aos avanços do capitalismo e a crise no sistema econômico socialista	26
4.1 A economia socialista.....	26
4.1.1 Socialismo real.....	26
4.1.2 O desenvolver das relações energéticas.....	28
4.1.2.1 A emergência do gás natural.....	28
4.1.2.2. Os riscos da interdependência.....	33
4.2 As relações diplomáticas soviéticas e os movimentos separatistas	34
4.2.1 A cisão sino-soviética (1949-1969)	34
4.2.1.1 Tratado de Aliança, Amizade e Ajuda (1950)	36
4.2.1.2 Guerra da Coreia (1950-1953)	36
4.2.1.3 O conflito fronteiriço sino-soviético (1969-1971)	37
4.2.2 Saída da Albânia do COMECON (1961).....	38
4.2.3 A entrada de Cuba no COMECON (1972)	39
4.2.4 Era Brezhnev	39
4.2.5 Os casos do Vietnã, da Polônia e Afeganistão.....	42
4.3 A crise no sistema socialista	43
5 CONCLUSÃO.....	47
6 REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS	48

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Zdravstvuyte, camaradas delegados e delegadas!

Boas-vindas!

Com uma satisfação que não cabe em palavras, nós, Diretores do COMECON (Conselho para Assistência Econômica Mútua), apresentamos o Guia de Estudos para a XVII Simulação de Organizações Internacionais.

É extremamente gratificante a sensação de apresentá-los ao resultado de árduo ano de pesquisa e de ver nosso comitê tomando forma para recebê-los. Nós os recebemos de braços abertos com muito amor e dedicação neste comitê pioneiro, nunca antes simulado na História da SOI e do Nordeste, com a certeza de que, ao realizarem a inscrição, confiaram no nosso trabalho.

Esperamos especialmente que todos os nossos delegados e delegadas se apaixonem, tanto quanto somos, pelo mundo maravilhoso das simulações, que trazem tantos conhecimentos, boas experiências e amizades. Gostaríamos, também, de registrar nossa integral disponibilidade para quaisquer questionamentos que possam surgir, bem como auxiliar da maneira que for possível para que todos tenham estudos proveitosos e uma fantástica simulação!

Att.,

Diretoria do COMECON

Passadas as formalidades, é chegada a hora de apresentar nossos diretores, ~~em~~ todas suas peculiaridades!

Quem come carne sai da sala, porque essa série de apresentações se inicia com nosso ilustre diretor ovo-lacto-vegan importado dos palácios de Mônaco, o príncipe **Airon Charles Câmara Filho**, ou somente Airon, para todo mundo, então agarre seu sanduiche de hambúrguer de grão de bico, diga FORA TEMER e vamos lá. Caso não fosse um desertor, Airon estaria cursando o sexto período do curso de Direito da URFN, mas nosso ~~único~~ vegetariano mais amado do Comitê se divide nas competências de nos ajudar a dirigir este projeto e preparar-se para sentir um #amorquenãoseMED quando for um #medamigo em 2018 na mesma universidade citada acima. Mas não se iludam, camaradas, e recebam a missão de agremiar-se conosco tendo suas posições políticas bem arraigadas, quem estiver em cima do muro vai ser puxado por Airon, com um cipó, para o lado da doutrinação pró ambientalista e, quando os senhores menos perceberem, passarão longos minutos abraçando árvores com a maior naturalidade do mundo, enquanto esperam o recebimento da carteirinha de filiação da REDE – Sustentabilidade (autografado por Marina Silva). Apesar dessa lavagem cerebral executada com a rapidez do preparo de uma carne de soja, Airon tem origem peculiar (filó: *chordata*/classe: *reptilia*/ordem: *squamata*/subordem: serpentes) como ele mostra a cada dia das crianças postando uma foto de cobra saindo do ovo, então nada mais justo do que ser ambientalista. Para encontrar Airon na cena urbana de Natal basta esperar o próximo protesto organizado por grupos pró esquerda e ele estará na área fazendo o que mais gosta: protestar contra o capitalismo (quando não tem aula nem simulado no fim de semana). Seu lazer de outrora era esfacelar os relacionamentos alheios, pisar neles como Marx e Engels pisaram no capital em O Manifesto Comunista, mas tendo se inserido numa relação saudável (parabéns, Airon), esse hábito foi deixado num passado ~~não~~ ~~muito~~ distante. Apesar de tantas facetas peculiares reunidas em uma só pessoa nosso #direveg é muito querido por todos os membros do comitê, que são gratos por ele, mesmo com agenda conturbada, nos ajudar a construir esse lindo projeto! Então sigam suas dicas (de alimentação saudável/ #crueltyfree e simulação) e arrasem no COMECON 1984.

Queridos delegados, chegou a hora de falar de **Caio Fernando de Medeiros Rodrigues**, a figura mais criativa e egocêntrica de Moscou. Estudante do terceiro período de Direito, este lindo eslavo dos olhos azuis (e com um belo traseiro), nosso #DireGato é extremamente afável, comunicativo e, por onde passa encanta a todos com seu poder de convencimento e sedução. Mas, que ninguém se engane, Caio é um

leonino convicto e quem ousa desafiar o que ele diz, pode se preparar para fazer um lindo passeio para a Sibéria ou o Gulag. Fumante nas horas vagas, o belo camarada não tem a mínima vergonha em fumar na sua cara com aquele estranhíssimo cigarro eletrônico, soltando uma esquisita fumaça branca. Quanto ao seu gosto alcoólico, nosso Dire não é nem um pouco exigente: apreciador de rum, cerveja e um whisky ou uma vodka de vez em quando, nosso diretor ama uma bagaceira e adora fazer uma baderna junto com nossos outros diretores. Mestre do sumiço, é daqueles que não responde no WhatsApp (e dá a velha desculpinha de sempre que o celular tá ruim) e enrola que só pra fazer as coisas. Mas mesmo assim, é inteligente e inovador: já fez identidade falsa para ganhar dinheiro e ama fazer trabalhos manuais. Fã de esportes, Caio é um grande jogador de Airsoft, sendo a mais perfeita descrição do militar soviético: vestido de uniforme camuflado e munido de uma AK-47, Caio não se furtará em obrigar nossos queridos delegados a fazer exercícios militares em plena simulação. Vai encarar o Pagode Russo?

Ivilla Nunes Gurgel, para os que observam de longe, é uma figura de preto que vaga pelo Setor I, parecendo estar sempre de mãos dadas com as trevas. A austeridade de seu caminhar e escuridão de suas roupas uma vez fizeram um calouro proferir *“Parece que ela rouba almas de crianças para, num escambo cabalístico, hidratar seus cabelos”* e em outra *“O vampirismo dela lembra Michel Temer”*. Tudo isso, claro, é só uma impressão errada causada pelos resquícios da sua época *Emo*. Possuindo um dos sorrisos mais meigos conhecidos, a mulher de preto tem o tom de voz mais *cutee* calmo conhecido. **Contudo** existem registros de um de seus piores momentos de explosão e exaltação, em que a jovem esbravejou *“Gente eu estou muito consternada”* em incríveis 45 decibéis. A *#DireFashion* é reconhecida por conseguir combinar até **5 tons de preto** diferentes *#BlackIsTheNewBlack*. Às vezes, a meiga moça usa listras como uma metáfora para sua felicidade *#GóticaSuave*. Seu contato com as artes obscuras trevosas é profundo, e sua relação darksexualista monogâmica com a escuridão apenas foi traída pelo misterioso homem do talibã. cursando teoricamente o sexto, mas pagando no quinto e atualmente no sétimo período de Direito/UFRN, **Ivilla Gurgel Addams**, *Bicharete* assumida, é uma das personalidades mais maravilhosas do glorioso, algo que só é possível pela linhagem de ~~hinos~~ pessoas tão maravilhosas quanto de sua família *#TheoTiraMeusBúzios*. Mesmo de vestes negras, sua alma é alva como pombas da *#paz*, e seu coração, enorme. Com muito amor e contra a detenção dos meios de produção, ela traz o lado negro da força para nosso comitê, nos enchendo de alegria, memes e esperança.

A amada Diretora **Jéssica "@falajeshbica" Macedo Filgueira de Freitas** possui uma vida dupla: estudante do sexto período do curso de Direito/UFRN durante o dia, boêmia durante a noite da Rua Chile. Escorpiana com ascendente em trouxas, enquanto Jéssica não está realizando trabalho escravo em seu estágio, nossa diretora gosta de se ocupar escrevendo rimas sobre sofrimento e as coisas simples da natureza nos rascunhos das folhas de processo. Jéssica é o glossário oficial do comitê, sendo dela a autoria da palavra "cadelonauta" e mais prolífica escritora, muito embora preferisse redigir este Guia em poesia. Por falar em cadelas, nossa diretora é apaixonada por animais, especificamente uma autodeclarada louca por gatos (e por que não dizer gatas?). Nossa Diretora não se cansa de procurar um próximo alvo para uma nova empreitada amorosa; provavelmente, enquanto você lê esse texto, ela deve estar trocando DMs marcando um encontro disfarçado de social em algum lugar de Nova Parnamirim que toque pagode e tenha cerveja barata. Ah, e a nossa criativa Diretora gosta de associar nomes dos contatinhos que se apaixonou nos últimos cinco minutos a elementos da Tabela Periódica, e boatos que planeja marcar todos os quadradinhos na RooftopParty™ desse ano. Os esportes preferidos da nossa #Direpoeta são chorar ao som de Simone e Simaria, que se tornou um hábito desde que soube que fortalecia os músculos do rosto para beijar melhor, e boliche com garrafas vazias. Jéssica não é uma garota comum. Diz-se que o sonho de todo jovem universitário é ganhar um carro, mas, no fundo no fundo, Jéssica queria mesmo era dirigir um caminhão e a queda do capitalismo. Extremamente prestativa e dedicada, a amável diretora não irá descansar nem dormir (talvez ela não durma por estar emendando a noite com o dia na rua) até ter certeza de que está dando o melhor apoio possível para vocês, delegados, para que sejam tão apaixonados quanto ela (ou melhor, se apaixonarem por ela).

Renan Rodrigues Pessoa, mais conhecido como matador de neoliberais que não são do seu interesse libidinoso, é um garoto vindo do submundo cearense, como sua própria anatomia não deixa espaço para dúvidas, diretamente para a capital potiguar. Nas horas vagas, ele ataca como cover da Mulher Pepita por questões de semelhanças vocais, tendo inclusive feito participação namúsica Chifrudofeat. Lia Clark na ausência da cantora por motivos de saúde. Não é uma grávida mas dá a luz frequentemente a diversas famílias que procuram seu empreendimento familiar. Saudoso dos colegas e da atmosfera do ensino médio, Renan está sempre lutando contra grandes injustiças como o monopólio das monitorias, está sempre disposto a testemunhar em processos contra professores quando necessário para manutenção da ordem e da justiça. Com ampla experiência na área do Direito Penal, ele acumula diversas experiências de vida, como o

grande privilégio que teve de assistir aula com presidiários na Universidade Estadual do RN na ocasião em que houve motim no presídio da vizinhança e sua turma abrigou de bom grado um dos fugitivos na aula. Sempre grandão pra caralho, Renan é aquele diretor que você vai contar pra tirar suas dúvidas, sejam elas quais forem, ou não.

Privetdelegatov! Venho aqui em tom de alerta apresentar a vocês o nosso Czar, aka Diretor Acadêmico, **Renato Cesar Gurgel Guimarães de Oliveira**. Dirigindo seu Upinho como se fosse um trator e ignorando toda e qualquer lombada que passa, deixa seus passageiros se sentindo numa verdadeira montanha-russa. É no seu habitat automobilístico que manda 90% dos seus áudios, ~~um verdadeiro Galvão Bueno do trânsito caótico de Natal~~. Não estranhem se ele soltar um “moço, aí não” ou “NÃO ACREDITO QUE ESSE MOTOQUEIRO ENTROU AQUI” no meio do áudio. Escorpiano nato, tem como bordão atemporal "**sinto que hoje que eu cometo um homicídio**". Por influências astrológicas, não dispensa uma boa vingança, drama e sensualidade, sendo uma figura singular e flexível, esbanjando acrobacias inspiradas em DragRace e cultivando o costume de chorar no carro todas as quartas-feiras (muito embora chore em qualquer dia que toque evidências). Também não deixa dúvidas sobre sua lua em Leão: exaltando sua beleza e bico característico ~~enquanto não fez o tão sonhado preenchimento labial~~, posta diariamente selfies no Facebook, eventualmente abrindo a camisa para mostrar seu lado selvagem. Por trás de toda essa máscara sanguinária stalinista (hoje a maquiagem tenta esconder a dor da alma™), existe um garotinho romântico que já tem todo o seu casamento planejado, só no aguardo de um pretendente (inclusive delegados, recadinho do coração serve pra isso). Fiquem informados desde já que passarão por uma seleção, tendo em vista que suas péssimas escolhas amorosas lhe custaram uma ida à delegacia e quase a perda do cargo de diretor acadêmico em uma das sociais do comitê. Por falar em social, Renato é daquelas pessoas que dizem que estão plenas mesmo depois de algumas doses de *Absinto*, *Rum* e *Vodka*, mas não resistem a 10 rodadas de sueca e pedem pra acabar o jogo. Brincadeiras à parte, é um exemplo de competência e dedicação (**UM HINO**), tendo corrigido o presente guia mesmo delirando de febre enquanto se recuperava de amigdalite e infecção alimentar (vale ressaltar que é tão ~~workaholic~~ viciado em SOI que sua mãe contou que fazia treino de regras enquanto delirava de febre dormindo). Tomaremos todas as prevenções possíveis para que nenhum delegado acabe levando um tapa ou copo de gelo na cara ~~seu limite é o Código Penal~~: é só botar TE TACO O TACO pra tocar e vão ver uma pessoa inofensiva se revelar na frente de vocês.

Finalmente, não poderíamos deixar de manifestar nossos agradecimentos a **Amanda Jales de Medeiros Silva**, a qual se dedicou, desde que tudo isso era apenas uma sementinha de ideia na cabeça dos nossos diretores, para que tudo ocorresse da melhor forma possível. Dra. Mandoque, todos os nossos mais sinceros e calorosos agradecimentos, o COMECON te ama (e ama os seus memes do afilhadinho também).

1 INTRODUÇÃO

A História da humanidade é um processo dinâmico que ocorre por meio de transformações no contexto político e cultural, alterando os rumos das sociedades e criando novos períodos. Guerras, conquistas de território, assimilação de elementos culturais diversos e revoluções são alguns dos ingredientes que guiam a história de um povo. Revoluções no campo ideológico, sobretudo, são dignas de destaque, pois inúmeras vezes serviram de arcabouço para grandes mudanças no contexto social.

É possível citar o marxismo como um desses mecanismos ideológicos, já que através de uma análise sobre as relações de classe e o conflito social, Karl Marx e Friedrich Engels, autores do Manifesto Comunista em 1848 e pais do socialismo utópico, conseguiram influenciar diversos movimentos sociais, desde o século XIX até os dias atuais. Como exemplo, podemos citar a forte influência dessas ideias sobre uma corrente política russa, que viria a originar o Partido Operário Social-Democrata Russo.

Outrossim, este teve grande participação nas revoltas que viriam a seguir, como a revolta de 1905¹, considerada o ensaio para a Revolução Russa, que derrubou o sistema monárquico czarista no início do século XX e instaurou o Governo Socialista Soviético, comandado pelo Partido Bolchevique e liderado por Vladimir Lênin. A revolução e seus processos adjacentes deram origem à URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), o primeiro país socialista do mundo.

A URSS enfrentou diversos desafios durante sua existência, entre eles, a Segunda Guerra Mundial. Foi nesse momento, mais precisamente ao fim da guerra, que as disputas entre soviéticos e norte-americanos se acirraram, pois, tinha-se dois países que procuravam se expandir e conseguir adesão aos seus sistemas de governo, o que foi bem exprimido na libertação das colônias europeias ao fim da guerra, medida proposta pelas nações anteriormente citadas. Dessa maneira, ocorreria um aumento na quantidade de países disponíveis para consolidação de influências, bem como a abertura de novas portas para o expansionismo, que agora se manifesta, além da anexação de regiões, na criação de novas zonas de influência ideológica.

A Segunda Grande Guerra teve palco principalmente na Europa, então o que restou foi um continente devastado pelo conflito e suas consequências. Além do alto

¹ A Rússia já possuía, em 1904, o interesse de se expandir em direção ao oriente, tendo se envolvido em um conflito com o Japão pela posse da Manchúria, no qual não obteve êxito. Desse modo, o regime czarista liderado por Nicolau II se viu ainda mais fragilizado por revoltas orquestradas por camponeses, operários, e membros da marinha e exército. Greves e protestos contra o absolutismo do czar explodiram em diversas regiões do país.

número de baixas civis, os países sofreram diversos danos estruturais, como perda de fontes energéticas, usinas de abastecimento e fábricas. Os Estados Unidos, para auxiliar os seus aliados econômicos, cria então o Plano Marshall², um programa que era pautado na assistência econômica para auxiliar os países atingidos pela guerra. A União Soviética, temendo o avanço do capitalismo sobre os estados socialistas do leste europeu, cria então o Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON), em Janeiro de 1949. O COMECON teve como principal pilar estreitar os laços entre as nações socialistas, promover assistência econômica e discutir políticas de desenvolvimento para os países membros e seus aliados.

O Conselho, por muitos anos, tratou de diversas questões que surgiram ao longo do desenvolvimento do sistema socialista e seus desdobramentos, tendo vários conflitos entre os membros se instaurado durante suas reuniões, bem como os desafios sobre como tornar o modelo da socialização dos meios de produção plenamente viável. Como bem pontuou Karl Marx, “a transformação econômica é o motor da História”: se não compreendemos as relações econômicas no âmbito do bloco, não compreendemos a essência da reunião desse grupo de países em torno dos mesmos ideais, tampouco alcançamos com precisão as circunstâncias econômicas que moldam o grupo agora em direção ao futuro.

Os conflitos entre os membros alcançam o apogeu em 1984, revelando o caráter de urgência da reunião a ser realizada 23ª Sessão Extraordinária do Conselho para Assistência Mútua, em Moscou. Incumbe às lideranças dos países envolvidos traçar as medidas para impedir o iminente declínio do bloco socialista.

² O Plano Marshall (oficialmente Programa Europeu de Recuperação) foi uma iniciativa estadunidense de ajuda para a Europa Ocidental, na qual os Estados Unidos disponibilizaram mais de US\$ 13 bilhões, novas tecnologias e produtos, com vistas de ajudar a reconstruir as economias europeias após o fim da Segunda Guerra Mundial. O plano estava em funcionamento por quatro anos fiscais a partir de 8 de abril de 1948. Os objetivos dos Estados Unidos eram reconstruir regiões devastadas pela guerra, remover as barreiras comerciais, modernizar a indústria, tornar a Europa mais próspera e evitar a propagação do comunismo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO COMITÊ

O Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON) foi criado em janeiro de 1949, no leste europeu, tendo como membros fundadores a União Soviética, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polônia e Romênia, para robustecer a cooperação entre os países de economia socialista. A proposta de criação do conselho foi feita a Josef Stalin pelo líder romeno GheorgheGheorghiu-Dej, que, ansiando por uma ampliação industrial em seu país, idealizou um sistema de integração entre as repúblicas populares para tornar possível um maior intercâmbio comercial e tecnológico entre elas.

Desde a sua gênese, as decisões eram pautadas na igualdade entre os membros. Apesar da URSS possuir cerca de 88% do território da Organização, bem como 70% da economia, o princípio da isonomia era basilar nas sessões, não se caracterizando um autoritarismo, e assim sendo, a influência soviética propulsora da reestruturação pode ser interpretada como conveniente ao estabelecimento do regime os países aliados.

Com o tempo, se percebeu que essa resultante apresentava muitas falhas. Desse modo, em 1967, o conselho adotou o “princípio do partido interessado”³, o que daria autonomia para os países escolherem qual projeto deveriam seguir, abrindo portas para que os Estados se utilizassem dos mecanismos do conselho no gerenciamento de suas atividades.

Uma tendência também adotada até os anos 60 era a utilização do termo cooperação ao invés de integração, já que este segundo era considerado como remetente à lógica do monopólio capitalista. Porém, após 1969, na sessão especial do Conselho em abril de 1971, com a concepção do Programa Integral para a Extensão e Melhoria da Cooperação⁴, bem como o desenvolvimento da acomodação socialista econômica pelos países membros, o termo integração passou a ser adotado oficialmente⁵.

Ainda que todos os países buscassem a integração, se tornava cada vez mais distante esse sonho, já que a grande maioria dos membros estava preocupada em consolidar os próprios planos econômicos nacionais, tendo em vista a grande gama de nações subdesenvolvidas que compunham o corpo do Conselho. A partir disso, podemos notar uma grande assimetria, com destaque para as esferas econômicas e

³ De acordo com o princípio, os países teriam certa autonomia para decidir o que iriam utilizar das decisões, adaptando às realidades nacionais o que fosse proposto nas reuniões. Isso não só melhoraria a integração entre os membros, como também aumentaria as possibilidades para as nações que estavam em realidades mais distintas

⁴ O programa trataria de flexibilizar as relações entre as nações, dando autonomia para que estas pudessem negociar acordos econômicos entre si, de maneira que fosse mais conveniente aos envolvidos.

⁵Bideleux and Jeffries, 1998, p. 561-66

geográficas. Por conseguinte, eram observados muitos contrastes na divisão internacional do trabalho entre as nações, principalmente com Estados geograficamente mais distintos, como Cuba.

Soma-se isso à ânsia de determinadas nações de manter relações mais distantes com o planejamento central, o que levou ao estabelecimento de diversas associações industriais e econômicas entre elas, pois muitas tinham autonomia suficiente para negociar seus próprios acordos internacionais. Entretanto, tempos mais tarde, se percebeu que essas associações em sua maioria se mostravam muito conservadoras, e por falta de uma paridade entre os envolvidos nas negociações, era comum o medo de se assumir riscos, causando mais prejuízos do que benefícios aos envolvidos, como aumento da burocracia, um dos problemas que pretendia-se sanar com as mesmas.⁶

Já nos anos setenta, a URSS deu um grande passo e chegou a grande marco para atingir uma melhora na economia: o desenvolvimento de sua exploração petrolífera, que, embora não fosse bem visto pelos países subordinados que tiveram que arcar com parte do custo, levou a grandes benefícios para o bloco, tendo em vista a evolução nos preços de produtos derivados do petróleo, como os combustíveis. Ainda tiveram, como fruto desse desenvolvimento, um crescimento muito forte durante os anos 70, inclusive não sendo afetados pela crise do petróleo em 1973.

Nesse período, também houve o relaxamento das tensões políticas com o ocaso, dando oportunidade para que alguns elementos ocidentais fossem importados, como tecnologias e investimentos, e até partes da cultura. Contudo, grande parte das empresas que utilizavam tecnologia ocidental não foram bem-sucedidas, pois havia, em alguns casos, grande incompatibilidade entre a forma de produção com a tecnologia recém advinda do Ocidente. Parte dos investimentos também foi perdida em gastos supérfluos com os principais dirigentes do partido, fazendo com que, ao desfecho do relaxamento no final dos anos 70, os países do Conselho acabassem mergulhados em dívidas graças ao corte do fluxo de capital entre 1979 e 1983, o que gerou uma recessão muito forte após a qual grande parte dos países encontrou séria dificuldade para se estabilizar. Dessa maneira, tornou-se óbvio que quedas na qualidade de vida se tornariam cada vez maiores, como foi o caso de Romênia e Polônia, que não conseguiram acompanhar o ritmo de desenvolvimento proposto pelo comitê, e ainda tiveram diversos problemas internos, como revoltas por parte da população⁷.

⁶Bideleux and Jeffries, op.cit., p. 571–72

⁷ Ibid., p. 553

2.1 Primeiros passos e concepção

Para compreender a origem do Conselho de Assistência Econômica Mútua e o ideário de integração socialista que orientou as atividades do comitê é de profunda relevância analisar o contexto histórico envolvido em sua criação. O fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi o marco inicial de uma série de mudanças nos planos político, econômico e social, as quais tiveram grande importância para a reorganização do panorama mundial naquele momento. Se, por um lado, a Europa Ocidental e o Japão eram reconstruídas economicamente sob o escudo do Plano Marshall⁸, em resposta, a URSS implantava áreas de influência econômica nos países do Leste Europeu, formando um bloco de países centralmente planejados⁹.

Figurando como uma das principais superpotências no pós-guerra, a URSS desempenhou um papel preponderante nas relações econômicas mundiais a partir de 1945, ao ter grande destaque nas negociações da Conferência de Bretton Woods¹⁰, mas, sobretudo, na recusa em julho de 1947, durante a Conferência de Paris¹¹, em participar do Programa de Recuperação Europeia, um dos grandes polos de auxílio econômico proposto pelos EUA. Vale ressaltar também a recusa dos soviéticos em integrar os órgãos econômicos independentes instituídos no pós-guerra, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial¹².

Seguindo a influência soviética, os países da Europa Oriental abandonaram seus modelos de “democracia popular” e passaram a adotar este sistema econômico e político

⁸“Durante os anos de 1947 e 1951, foram repassados um auxílio financeiro de U\$ 13,3 bilhões de dólares (132 bilhões de dólares, a valores de hoje), sendo os maiores beneficiados da iniciativa norte-americana, o Reino Unido, a França e a República Federal da Alemanha, que puderam contar com a assistência econômica e técnica dos EUA, na recuperação de suas indústrias e de sua infraestrutura. A consequência imediata do plano foi a forte recuperação econômica dos países participantes, com a expansão da produção e a queda da taxa de desemprego.” DEZORDI, Lucas Lautert. Fundamentos de Economia Política. Curitiba: IESDE Brasil, 2010, p.84.

⁹ SANTOS, Ricardo José dos. **CAME: Limites da “integração socialista” no século XX.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13484>>. Acesso em 25.fev. 2016. p.11.

¹⁰“Realizada em julho de 1944, a Conferência de Bretton Woods foi fundamental para constituir a ordem econômica no pós-Segunda Guerra, ao estabelecer novas regras, instituições, laços comerciais e financeiros entre os países industrializados. Exemplo disso, foi a criação do FMI (Fundo Monetário Internacional), criado para controlar o fluxo comercial e financeiro entre os países e a orientação de políticas econômicas e o BIRD (Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento), que serviu para auxiliar a Europa e o Japão na reconstrução do pós-guerra.” DEZORDI, op.cit., p.84.

¹¹“A Conferência de Paris realizada em julho de 1947, contou com seis nações a fim de analisar o Plano de Recuperação Europeia, proposto pelos americanos. O encontro fica marcado pela recusa da URSS e de seus países satélites em participar do Plano e a constituição de uma Comissão de Cooperação Econômica Europeia encarregada de elaborar um programa de reconstrução da Europa, utilizando o auxílio americano.” SANTOS, op.cit., p.19-20.

¹²JUBRAN, Bruno Mariotto. **A política externa soviética e seus desígnios econômicos: o caso do Comecon.** Disponível em: <

caracterizado pelo monopólio formal de um partido marxista-leninista e pela ênfase do Estado como indutor do desenvolvimento econômico e da paz social. Saliente-se a instituição do Pacto de Varsóvia, assinado em 1955, um dispositivo militar de defesa aos países de órbita socialista, caracterizado como uma equivalente à criação da Organização do Tratado do Atlântico-Norte - OTAN¹³.

Nesse sentido, entre os dias 5 a 8 de janeiro de 1949, representantes de Bulgária, Tchecoslováquia, Polônia e Romênia se reuniram em Moscou, a convite da União Soviética, com o objetivo de estruturar um conselho de assistência econômica mútua, compreendendo os países representados nessa conferência, com base na igualdade, e fincados no cumprimento das tarefas essenciais¹⁴ para o pleno desenvolvimento do Bloco.

Assim, no dia 22 de janeiro de 1949, os representantes dos referidos países assinam um acordo comprometendo-se com a estruturação de um organismo baseado na cooperação econômica e, por fim, no dia 25 de janeiro de 1949, declarou-se a fundação do Conselho de Assistência Econômica Mútua, o COMECON, definida com uma organização aberta, a qual outros países poderiam aderir, concordando com as teses da cooperação econômica e da integração socialista, propugnadas pelos países fundadores¹⁵.

2.2 Sessões anteriores e cronologia

Com a criação do COMECON, imaginou-se que haveria uma nova etapa no processo integracionista. Todavia, nos seus primeiros anos, o Conselho tinha uma atuação limitada e não possuía um ato constitutivo que previsse as regras básicas para seu funcionamento¹⁶. Essa função limitada era creditada à política stalinista de concentração do poder nas mãos da União Soviética, em detrimento do aprofundamento das relações econômicas com suas zonas de influência no Leste Europeu¹⁷.

Mesmo assim, as primeiras sessões do COMECON serviram para viabilizar a parceria comercial entre seus membros, com vistas de aprofundar a autossuficiência econômica de cada um dos países. Para isso, foram celebrados acordos bilaterais entre a URSS e os Estados membros, bem como houve a coordenação de planos econômicos

¹³SANTOS, op. cit., p.19-20.

¹⁴ “Uma das tarefas definidas foi a coordenação de planos econômicos fincados na especialização e cooperação na produção, efetivação de medidas no sentido de troca das experiências tecnológicas e também, em fornecimentos mútuos de matérias-primas, de produtos alimentares e de equipamentos.” RIBEIRO, Sérgio. **O COMECON**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974. p.59.

¹⁵ Ibid., p.59.

¹⁶ BRINE, JENNY. **Comecon: The Rise and Fall of an International Socialist Organization**. Transaction Publishers: London, 1992. p.12

¹⁷ SANTOS, op.cit., p.22.

quinquenais para estes, obedecendo ao modelo de desenvolvimento econômico soviético, baseado na rápida industrialização, na estatização de todos os setores econômicos e na centralização do planejamento econômico (industrialização planificada)¹⁸.

Com a morte de Stalin, em 1953, houve um redescobrimto das possibilidades que o Conselho poderia trazer a fim de que fossem debatidas novas formas de integração regional. Assim, na sessão do ano seguinte, foi discutida uma maior coordenação das atividades econômicas do bloco, com o acerto de datas dos planos quinquenais, objetivando fortalecer a ideia de cooperação econômica dos países membros¹⁹.

No afã desuperar a baixa institucionalização que caracterizou os anos iniciais da organização, em decorrência da postura desenvolvida durante a Era Stalin, durante as reuniões ocorridas entre 1957 a 1959, foi discutido um novo documento que buscasse normatizar todos os princípios e objetivos atinentes à organização do COMECON. Assim, foi promulgada a Carta da organização no ano de 1959, a qual será melhor discutida posteriormente, sendo reforçados os laços econômicos entre os países do Bloco e garantida, em uma perspectiva igualitária, a participação de todos os Estados membros nas decisões do Conselho, atenuando o domínio quase absoluto da União Soviética dentro do órgão²⁰.

Vale ressaltar também que na sessão do Conselho de 1958, foi adotado o Princípio de Preços do Bucarest²¹, uma política de cálculos de preços no comércio a ser adotada pelos países integrantes do COMECON.

Complementar ao Estatuto do COMECON, foi apresentado na 15ª sessão em 1962, um documento intitulado “Princípios Básicos da Divisão Internacional Socialista do Trabalho”, que buscou introduzir novas funções para o Comitê, fixando como objetivos do Conselho a coordenação dos planos nacionais e a planificação internacional baseada na Divisão Internacional Socialista²², tendo em vista o

¹⁸ BRINE, op.cit., p.13.

¹⁹ RIBEIRO, op.cit., p.65.

²⁰ JUBRAN, op.cit., p.7.

²¹ “Política de cálculos de preços no comércio entre países do COMECON, com base no seguinte sistema: num determinado período de planos quinquenais nacionais, fazia-se uma média dos preços dos produtos do mercado mundial, eliminando os pontos de irregularidade, possibilitando aos países membros a se adaptarem melhor ao comércio mundial, planejando-se de forma estruturada o comércio mútuo entre países para o futuro.” SANTOS, op.cit., p.30.

²² “O conceito de divisão internacional socialista do trabalho compartilha da noção de que para aumentar a eficiência econômica dos países socialistas era preciso eliminar as diferenças históricas nos níveis de desenvolvimento econômico de cada nação, a partir da utilização máxima das potencialidades internas dessas economias e das vantagens inerentes ao sistema socialista mundial. Por isso, a coordenação dos

aprofundamento da cooperação, e, especialmente, uma forma de concretizar o que já havia sido estabelecido nas reuniões anteriores²³.

Ressalte-se que, para a efetivação desses princípios, na sessão ocorrida em outubro de 1963, os governos dos países membros criaram o Banco Internacional de Cooperação Econômica (BICE) e chegaram a um acordo com relação à liquidação multilateral das contas, o que seria feito a partir uma nova moeda, o rublo de troca. Tais decisões significavam uma nova fonte de recursos para projetos de investimento, a partir da concessão, pelo BICE, de crédito a curto, médio e longo prazo, contribuindo para a dinamização das relações comerciais entre os países do COMECON, mas também para saldar as contas relacionadas com a construção conjunta e a manutenção de empresas internacionais entre os países-membros do Conselho²⁴.

Representando um ponto de virada no caminho da Organização, foi definido, na 25ª Sessão, o “Programa Complexo de Integração Econômica Socialista”, simbolizando a nova orientação para o desenvolvimento, cuja efetivação se fundava na aceleração do ritmo de crescimento das trocas comerciais recíprocas, no estreitamento das relações de cooperação, e, sobretudo, na concretização da divisão do trabalho baseada no amplo domínio da ciência e da tecnologia. Para isso, este programa propunha a implementação de diversos projetos de caráter multilateral de cooperação econômica em um prazo de 15 a 20 anos, além de introduzir relações de mercado e flexibilizar o sistema de preços entre os países, adequando-os ao mercado mundial²⁵.

No começo da década de 1980, o acirramento da crise nos países do Leste Europeu ameaçava a estabilidade político-econômica dos membros do Conselho. Nesse sentido, os países se reúnem em Moscou, em junho de 1984 para pavimentar novos caminhos.

planos econômicos desenvolvidos pelo COMECON colocava em destaque a necessidade de produzir, no quadro dos bens de capital, quantidades suficientes para satisfazer as necessidades dos países socialistas, levando em conta a expansão do comércio dessas economias com outros países, mas também orientava que se utilizasse de forma racional e plena, os recursos naturais e econômicos, objetivando uma alta taxa de crescimento da produção e a máxima satisfação das necessidades da população.” JUBRAN, op.cit., p. 26-27.

²³ Ibid., p.12.

²⁴ SANTOS, op.cit., p.28.

²⁵ JUBRAN, op.cit., p.10.

3 O CONSELHO PARA ASSISTÊNCIA ECONÔMICA MÚTUA

Inicialmente, o COMECON foi organizado com o objetivo de promover a cooperação bilateral entre os países socialistas, embora sua estrutura fosse rudimentar e pouco regulamentada. Todo esse contexto mudou com o lançamento da Carta do Conselho para Assistência Econômica Mútua, aprovada apenas em 1959. Com sua assinatura, em Sófia, a estrutura institucional do Conselho passou a ser normatizada e sistematizada oficialmente de modo a respeitar a soberania e a igualdade de cada um dos países-membros.

Durante seus anos de funcionamento, foram diversas as alterações na estrutura do COMECON, desde a criação do BICE, destinado ao provimento de recursos para o comércio entre os países do bloco, como também a constituição de diversos comitês e organizações intergovernamentais. Esses órgãos internos funcionam de maneira fundamental para a análise dos problemas econômicos, científicos e tecnológicos, mas, sobretudo, na defesa dos principais setores produtivos de cada um dos países membros.

Toda essa estrutura interna será analisada criticamente nos próximos tópicos, de forma a entender toda a complexidade do COMECON e sua vital importância para o crescimento e a integração entre os países socialistas.

3.1 Estrutura institucional

O COMECON, como dito, permaneceu sem um regramento específico desde a sua criação, em 1949, até 1959, de modo que, ao longo de quase uma década, a sigla meramente denominava reuniões esporádicas encabeçadas pela URSS, em vista da ausência de formalização. Apenas após a morte de Stalin as relações entre os membros da Organização foram estreitadas, culminando com a promulgação da Carta do Conselho para Assistência Econômica Mútua, assinada em 15 de dezembro de 1959.

Na abertura do ato constitutivo, são expostos os objetivos e princípios da Organização, centralizada no desenvolvimento das economias nacionais e no progresso tecnológico mediante esforços coordenados dos países membros. Com o fito de incrementar a atividade produtiva na indústria e a promoção do bem-estar dos povos, são exaltados os princípios da igualdade, da cooperação, da soberania e do benefício e assistência mútuos²⁶.

²⁶Art. 1º 1.O objetivo do Conselho para Assistência Econômica Mútua é de promover, por unir e coordenar os esforços dos países membros, com o fito de continuar a fortalecer e aprimorar a colaboração e o desenvolvimento da integração econômica socialista, o desenvolvimento planejado de suas economias nacionais, a aceleração dos seus progressos econômico e técnico, um aumento no nível de industrialização nos países menos industrializados, o crescimento ininterrupto da produtividade do

Assim sendo, constata-se que o movimento do século XX de formação de blocos econômicos, a exemplo da Comunidade Econômica Europeia²⁷, de 1957, não se limitou aos que seguiam o modelo capitalista.

Os órgãos oficiais do Conselho são: a Sessão, o Comitê Executivo, as Comissões Permanentes e o Secretariado²⁸.

A Sessão do Conselho está no topo da hierarquia institucional do COMECON, preocupada em examinar problemas fundamentais na integração da economia socialista e dirigir as atividades do Secretariado e outros órgãos subordinados, possuindo também a capacidade de criar comitês especializados para melhor fundamentar as reuniões. Tais comitês tinham o poder de emitir recomendações políticas de consulta a toda a Organização, e os operacionais são: o Conselho de Cooperação em Ciência e Tecnologia; o Conselho de Cooperação em Matéria-Prima e Fornecimento Técnico; o Conselho de Cooperação em Engenharia de Máquinas; e o mais importante, o Conselho de Cooperação para o Planejamento, o qual emitia minutas de tratados bilaterais, adotava resoluções para tais projetos e recomendava a aprovação para as partes envolvidas.

O Comitê Executivo é o maior órgão executivo no COMECON, tendo as atribuições de elaborar recomendações políticas e acompanhar sua implementação entre as sessões, as quais são compostas de um representante de cada país membro em encontros trimestrais, também incumbidas de supervisionar a cooperação técnico-científica.

As comissões permanentes, criadas por Sessões do Conselho, têm o papel de auxiliar o COMECON na elaboração de recomendações sobre assuntos específicos de economia. As comissões permanentes são supervisionadas pelo Secretariado e apenas podem emitir suas recomendações sob o aval do Comitê Executivo, tendo uma autoridade limitada, porém uma atividade fundamental.

trabalho, a aproximação e gradual equalização nos níveis de desenvolvimento econômico e um avanço constante no bem estar das pessoas dos países membros.

2. O Conselho para Assistência Econômica Mútua é baseado no princípio da igualdade soberana de todos os seus países membros. A política de cooperação econômica, científica e técnica entre os países membros será implementada de acordo com os princípios do internacionalismo socialista, baseado no respeito pela soberania estatal, independência e interesses nacionais, na não interferência nos assuntos domésticos entre si, na completa igualdade de direitos, a vantagem mútua e a mútua assistência de camaradagem”.

²⁷ Formada a partir da assinatura do Tratado de Roma, visando criar uma associação entre nações através da integração do comércio e da agricultura, prevendo também a livre movimentação de bens, serviços, capital e pessoas.

²⁸ ZICKEL, Raymond E. **SOVIET UNION: A country study**. 1ª ed. Washington D.C.: Library of Congress, 1991. p. 856-858

O Secretariado é o único órgão permanente do COMECON, sempre tendo um oficial soviético como secretário, e exerce função primariamente administrativa e de preparação e organização das Sessões. O secretário, ademais, é o representante do Conselho perante os países membros, bem como realiza pesquisas de cunho econômico para a consulta deles.

Além dos órgãos presentes na Carta, ditos oficiais, o Conselho conta ainda com a Conferência dos Primeiros-Secretários dos Partidos Comunistas e de Trabalhadores e dos Chefes de Governo dos Membros do COMECON, a qual, como sugere a denominação, era a maior autoridade real da Organização. Muito embora não seja disciplinada institucionalmente, tal Conferência ocorre para a discussão de assuntos de mútuo interesse entre os chefes de partido e de governo, com suas decisões exercendo influência considerável no funcionamento do Conselho.

3.2 Competências

Considerando a Sessão do Conselho como a maior manifestação de autoridade decisória dentro o COMECON²⁹, esta servirá como parâmetro para a discussão das competências dos demais órgãos. Compõem suas incumbências a elaboração de recomendações sobre questões-chave das economias dos países do Conselho, o auxílio no desenvolvimento da indústria e da agricultura, tudo pautado na implementação da Divisão Socialista Internacional do Trabalho.

Nessa linha, é visto que a Carta garante à Sessão do Conselho poderes implícitos, os quais poderão ser utilizados com a discricionariedade pelos países membros para o progresso do socialismo enquanto modelo de economia.

Também como parte das competências da Sessão do Conselho está o monitoramento e a criação de órgãos determinados para o desempenho de funções a eles atribuídas, conforme achar viável e necessário. Igualmente, pode ser estabelecida pela Sessão uma Comissão Permanente para tratar de um assunto em particular em determinado local específico, a qual poderá emitir recomendações à Sessão do Conselho acerca da temática delegada.

3.3 Membresia

Após a promulgação da Carta, o Conselho passou a se preocupar com a horizontalidade das decisões e o respeito à soberania de cada país. Sendo assim, a regra é a igualdade soberana de direitos e deveres entre os membros.

²⁹ BURANT, Stephen R. **EAST GERMANY: A country study**. 3ª ed. Washington D.C.: Library of Congress, 1987. p. 301-302.

Para a aprovação de decisões e recomendações, o Conselho adotou o sistema da unanimidade, garantindo que apenas serão aprovadas as resoluções (termo utilizado de maneira genérica para se referir às produções normativas coletivas) se todos os membros oficiais se posicionarem favoravelmente. A negativa de um dos membros significa a rejeição da resolução. Ademais, é permitida a abstenção somente quando o país membro não é afetado substancialmente pelo teor da decisão, caso contrário, tem o mesmo efeito da negativa. Os países, com a resolução aprovada, ainda poderão passá-la por processo de ratificação interna.

Considerando que o COMECON sempre teve, desde sua concepção, a intenção de se expandir, convencendo mais países a se juntarem à causa, a Carta previu o procedimento para a filiação à Organização. Em se tratando do ingresso, a Carta estabeleceu que qualquer país que compartilhe os objetivos e princípios e deseje se integrar à Organização deverá emitir um pedido formal, o qual será julgado em Sessão do Conselho para a avaliação de sua admissão³⁰.

Tem-se, portanto, que os membros originais do Conselho, a partir de fevereiro de 1949, foram Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia e União Soviética, com a Albânia se juntando à organização no mês seguinte.

Com o passar dos anos, mais países se aliaram ao Bloco, e conseqüentemente ao Conselho, adquirindo *status* de membro. A Albânia, em decorrência do rompimento diplomático com a União Soviética, deixou de participar das reuniões da Organização em 1961 sem, no entanto, revogar sua membresia. Restam, portanto, ao ano de 1984, dez países com *status* de membro efetivo e todos os direitos presentes na Carta de 1960, os quais sejam:

QUADRO 1 – Países membros do COMECON em 1984	
País membro	Ano da admissão
Albânia	1949
Alemanha Oriental	1950
Bulgária	1949
Cuba	1972

³⁰BURANT, Stephen R. **EAST GERMANY: A country study.**3ª ed. Washington D.C.: Library of Congress, 1987. p. 298-300.

Hungria	1949
Mongólia	1962
Polônia	1949
Romênia	1949
Tchecoslováquia	1949
União Soviética	1949
Vietnã	1978

Ademais, além dos países com todos os plenos direitos presentes na Carta do COMECON, a partir de 1957, com a expansão exponencial das atividades do Conselho, mais países, sobretudo os mais afastados geograficamente, passaram a participar das reuniões, sem, entretanto, possuírem *status* de membro. A possibilidade da participação de países externos ao Conselho está prevista no art. 11 da Carta³¹, que indica, ainda, sob quais condições os representantes desses países poderão participar nos órgãos do Conselho.

É de grande relevância lembrar que, a partir da década de 1970, o comércio entre os países do bloco com o Ocidente desenvolvido aumentou significativamente, o que possibilitou a inclusão de membros não europeus no bloco, como Cuba e Vietnã, bem como foi criada a categoria de cooperadores não socialistas, de modo a dinamizar essas relações comerciais, aceitando a entrada de Finlândia, México e Iraque, com a participação de comissões de grupos econômicos, ao invés dos chefes de Estado. Acordos ocorriam com a finalidade de favorecer o diálogo e o intercâmbio de ideias, bem como de manter um ponto de apoio do Bloco na América Latina.

Ademais, é importante ressaltar que a Iugoslávia possuía um *status* especial de observador com direitos de membro ativo, conforme acordado quando do seu ingresso, em 1961³².

³¹“Art. 11 O Conselho para Assistência Econômica Mútua pode convidar países que não são membros do Conselho para participar das atividades dos órgãos do Conselho, ou colaborar com esses em outras formas.

As condições que regem a participação de países não membros nos trabalhos das agências do Conselho ou a sua colaboração com o Conselho por outros meios serão estabelecidas pelo Conselho de acordo com estes Estados.”

³² BURANT, Stephen R. **EAST GERMANY: A country study.**3ª ed. Washington D.C.: Library of Congress, 1987.

4 TEMA ÚNICO: A REFORMA DO BLOCO SOVIÉTICO FRENTE AOS AVANÇOS DO CAPITALISMO E A CRISE NO MODELO ECONÔMICO SOCIALISTA

Para adentrar no tópico específico a ser abordado na Sessão vindoura, referente à crise do modelo econômico socialista, é necessário fazer uma contextualização econômica e geopolítica, a fim de que haja uma compreensão holística do tema.

4.1 A economia socialista

Os países aliados da URSS tiveram apogeu centrado, principalmente, na economia. Foi no âmbito desse fenômeno humano que o bloco experimentou um crescimento astronômico, revelando grandes potências industriais e bélicas, como também é por questões majoritariamente econômicas que as nações socialistas se articulam para driblar possíveis crises que afetem sua união. Compreender o papel da economia para as nações socialistas é, ao mesmo tempo, conhecer uma parte importante de seus funcionamentos e inteirar-se dos desafios e perspectivas para o futuro.

A ênfase na economia socialista não anula os aspectos culturais e sociais que pesam na discussão desse modelo no espaço em questão. Falar de economia não é fechar os olhos para outras problemáticas que coexistem com tal aspecto, mas é neste campo que se abrigam as maiores divergências da URSS em relação ao resto do mundo, inclusive seus aliados; é onde se acertou o suficiente para conseguir destaque e respeito internacionais em matéria de crescimento e evolução e, na mesma medida, onde incidem contradições pontuais que tentam sanar.

4.1.1 O socialismo real

É de caráter fundamental que nos centremos nas bases da economia soviética por ser o modelo seguido pelas demais nações do COMECON, para isso, faz-se necessário explicar o socialismo enquanto teoria e o socialismo concebido de maneira concreta, que chamamos de socialismo real. Os principais idealizadores deste modelo de organização social, política e econômica foram os alemães Karl Marx e Friedrich Engels, após uma profunda análise do sistema capitalista eles elaboraram a estruturação de uma sociedade fundada no regime socialista, muito conhecido pela enorme participação do Estado na atividade econômica.

Esse é o socialismo ideal que, ao ser posto em prática, acabou sendo chamado de socialismo real, por apresentar divergências naturais em relação àquilo proposto pelos

alemães, uma vez que eles focaram na elaboração de um sistema mais justo sem jamais terem tido a chance de tornar reais suas ambições para uma sociedade mais igualitária.

A Revolução Russa tirou o socialismo das páginas de livros e o trouxe para cada parte de seu território e depois o expandiu para outras nações. A escolha em gerir o país dessa maneira foi o pontapé inicial para uma polarização que rapidamente tornou-se latente e ameaçadora para ambos os lados partes dessa divisão. A rivalidade entre os sistemas socialista e capitalista caracterizou o que Winston Churchill denominou de “Guerra Fria”. Proporcional ao crescimento da tensão entre os lados, o regime socialista se dilatava, sua expansão recebeu o título de “cortina de ferro”, expressão que o premiê britânico dizia abarcar nações que não integravam a URSS (tais como Letônia, Lituânia e Estônia), mas estavam sob influência do bloco.

Apesar dos estragos que a URSS sofreu após a Segunda Guerra Mundial, recuperou-se a economia e a influência internacional rapidamente, em partes, graças à eficiência na luta contra o nazifascismo. Em 1950, a União Soviética estava atrás apenas dos Estados Unidos da América como potência industrial e militar do globo, isso graças aos investimentos feitos pelos soviéticos para equiparar-se aos EUA nos campos bélico, nuclear e aeroespacial, tendo o arsenal bélico saltado de 2,874 milhões para 5,763 milhões em sete anos.

A hipótese de uma agressão iminente ditava a movimentação econômica da URSS que, entre 1950 e 1952, aumentou em 45% seus gastos militares, ao passo que as despesas totais do Estado para com a população, no mesmo período de dois anos, aumentaram humildes 15%. Nesses dois anos, o bloco soviético colheu bons frutos através da evolução das indústrias de aço (de 18, milhões para 27 milhões de toneladas), petróleo (de 31,1 para 37,9 milhões de toneladas), carvão (165,9 milhões para 261,1 milhões de toneladas) e geração de energia (48,3 para 91,2 bilhões de quilowatts).

Todavia, essas evoluções no campo da produção industrial não alcançaram os bens de consumo e da agricultura, que permaneceram fraquejando em meio aos demais progressos. Os camponeses acabaram pagando pela reconstrução pós-guerra e pelos avanços tão necessários para o firmamento do bloco perante a coletividade internacional por meio, por exemplo, do retorno obrigatório de 14 milhões de hectares de terra e 140 mil cabeças de gado, que antes eram de famílias rurais, para as mãos do Estado no ano de 1946.

Sob o comando de Stalin, surge essa considerável controvérsia no meio do socialismo vigente dentro da URSS: o crescimento e a restauração eram assegurados

pelos planos quinquenais, ao passo que a possibilidade de transformação democrática e otimista da sociedade soviética ficava cada vez mais distante e impraticável. Este é o socialismo real.

4.1.2 O desenvolver das relações energéticas

Desde o princípio das relações energéticas entre a Rússia czarista e o Ocidente, tínhamos os princípios de uma interdependência. Já na época, uma das maiores produções petrolíferas mundiais devia seu sucesso, em boa parte, aos investimentos de capital e tecnologia ocidentais. A mesma realidade se manteve na restauração da produção do petróleo na Rússia arrasada pela guerra civil, a qual foi possível a partir de empreendimentos conjuntos com empresas americanas e europeias. A visão oriental das companhias europeias como valorosas fornecedoras de equipamentos e tecnologias necessárias à exploração dos vastos recursos naturais soviéticos permaneceu inalterada até os dias de hoje, e é parte importantíssima das relações comerciais atuais.

A historicidade essencial para a compreensão da evolução e atual situação do comércio energético entre Ocidente e Oriente tem seu pontapé no final da Segunda Guerra Mundial, com a derrota da Alemanha Nacional Socialista de Hitler. As grandes conquistas territoriais soviéticas rumo ao oeste europeu intensificariam as possibilidades do comércio energético e, dado o instaurado contexto de antagonismo ao Ocidente, as tensões advindas dele.

Definiram, portanto, uma revolução no fluxo das exportações de combustíveis fósseis da União Soviética, a qual adquiriria uma crescente influência e relevância a partir da criação do COMECON, em 1949, e de diversas novas instituições multilaterais comunistas, da década de 50 para frente. Teríamos, a partir daí o início de uma nova ordem econômica local, marcada pela relevância de oleodutos e, futuramente, gasodutos, protagonizando tensões econômicas, políticas e militares na região e no mundo.

4.1.2.1A emergência do gás natural

O gás natural ascendeu de um status de “subproduto desprezível da produção petrolífera” a importantíssima fonte energética. Sua história inicia-se no período entre guerras, quando diversas regiões europeias passaram a pesquisar e experimentar suas utilidades. Após a Segunda Guerra Mundial, surgiria maior ímpeto para o desenvolvimento dessa tecnologia, pois o gás passa a ser considerado uma fonte de energia útil e amplamente disponível, suficiente para os países que detinham reservas, o

que poderia balancear a problemática da dependência em importação de petróleo e de carvão.

Assim, os primeiros sistemas de gasodutos na Europa foram implantados em regiões pobres em carvão mineral, infraestruturas locais e isoladas, longe de serem ligadas umas às outras. Esse contexto mudaria drasticamente na década de 60, com a ampla descoberta de reservas de gás e a consolidação de polos, sobretudo nos Países Baixos, Ucrânia, Ásia Central e Sibéria. Ademais, a percepção da possibilidade de importação de um combustível alternativo e barato se torna extremamente atrativa. A construção de uma rede transnacional de gasodutos é uma realidade iminente.

Os primeiros gasodutos transnacionais ainda seriam tímidos, exportariam gás ucraniano e holandês para grandes metrópoles de consumo no Oeste e no Leste europeu, Bélgica, Alemanha, França e Polônia. Os anos de 1966 e 1967 marcaram uma expansão significativa nos sistemas de gasodutos em ambos os lados da “cortina de ferro”, estabelecendo-se as transações conforme os passos das relações econômicas prévias. A Holanda, sendo fornecedora de parte da OTAN, aliada a diversas outras organizações ocidentais, manteve essa postura como prioridade nas suas exportações.

Da mesma forma, instalavam-se gasodutos transnacionais entre os países do COMECON, se apoiando nos precedentes criados pelos oleodutos de Druzhba e Bratstvo, entre a URSS e Polônia, Bulgária e Tchecoslováquia. Contudo, o estabelecimento de dois sistemas separados pela cortina de ferro era insustentável, a lógica política em escolher parceiros por vantagens geográficas independente dos alinhamentos, viria a estabelecer as importantes relações inter-polos.

As importações do Ocidente europeu eram, majoritariamente, da produção nórdica holandesa e do Saara. Empresas ocidentais constantemente procuravam estabelecer contratos e sistemas de gasodutos com países emergentes na produção do GN, especialmente na África do Norte e Oriente Médio. Todavia, instabilidades políticas e barreiras geográficas impossibilitavam uma importação eficiente. É nesse cenário, aliando o crescimento exponencial da demanda com as boas relações estabelecidas pelo petróleo com os soviéticos, que o Ocidente passa a visar a importação além da cortina como grande oportunidade. Empresas alemãs, a austríaca OMV e a italiana ENI estabeleceram intensa aproximação com a URSS. A Bavária se dispôs a estender o acordo soviético-italiano-austríaco-alemão, assim como a Finlândia. As prospecções de estender e interconectar os sistemas de gasodutos cresciam, a infraestrutura tornava possível a anexação ampla da Europa Ocidental nos acordos de compra com a URSS.

O interesse em suprir a demanda interna com a oferta de baixo custo soviética gerou grandes preocupações americanas. A esfera política dos Estados Unidos exprimia profundas preocupações com a intensificação das relações com o oriente. Era notável que essa integração geraria interdependência, o que, em um contexto de Guerra Fria, era politicamente inconcebível.

Por exemplo, a economia da Alemanha Ocidental dependia mais das suas exportações de aço e de tecnologia de transporte energético em si do que jamais dependera dos combustíveis fósseis soviéticos. As empresas alemãs e italianas, no entanto, se mostravam ávidas a fornecer os materiais para construção de novos gasodutos: era simplesmente vantajoso economicamente. Tais trocas aprofundavam as preocupações norte-americanas: o conceito de fornecer tecnologias para o “lado de lá” era problemático, assim como a existência de uma concorrência soviética ao fornecimento de energia por empresas americanas era profundamente intragável. Diversos embargos já eram postos sobre exportações de tecnologias, procurando impedir a modernização do Leste, em que pese na época as tão necessárias tubulações de aço não eram listadas como embargadas.

Os norte-americanos tentaram impor pressão por meio de diversas organizações internacionais – OTAN, Agência Internacional de Energia, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – sem sucesso na época. Outras grandes preocupações que, de fato, eram consideradas seriam as hipóteses de grande pressão política soviética sob ameaça de interromper o fluxo de gás, ou, ao contrário, promover um efeito dumping, inundando o mercado com o produto a preços extremamente baratos. Na década de 60, essas preocupações adiaram os projetos da Alemanha Ocidental, por exemplo, pelo contexto do governo de extrema direita vigente na época, contudo, tais decisões enfrentaram enorme criticismo popular.

As resistências americanas não cessariam ao longo dos anos, enquanto as exportações soviéticas cresceriam, assim como a dependência europeia. Nos anos recentes, década de 80, com a escalada das tensões e o governo de Reagan, o conflito viria a se intensificar.

Nos últimos anos, temos a escalada da agressividade estadunidense contra a expansão energética soviética. Em 1981, o presidente americano Ronald Reagan viria a banir a exportação de tecnologias relacionadas a gás e petróleo para a URSS. Já no ano seguinte, o banimento se estendeu a subsidiários e licenças de empresas americanas, mesmo que essas se encontrassem na Europa. A política americana se aprofundou na

utilização de tecnologia como importante via de sabotagem contra a União Soviética e seus projetos.

A resposta europeia fora amplamente negativa, importantes organizações se pronunciaram contrariamente. A Comunidade Econômica Europeia afirmou que tais ações eram ilegais e companhias francesas, britânicas, alemãs e italianas prosseguiram com seus empreendimentos. Tal episódio demonstra a visão americana das exportações soviéticas como “forças maléficas”, enquanto a Europa seguia a considerando como vital oportunidade de negócios. Tão vitais a ponto que os contratos de construção de gasodutos salvariam diversas indústrias de aço europeias, assim como a visão de diversificar suas fontes energéticas para além do petróleo importado de países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que seriam uma ameaça muito maior. Finalmente, o balanço das relações energéticas entre ambos os lados do continente era essencial. O ocidente europeu necessitava de uma fonte segura de energia, diversificando suas importações do Oriente Médio, zona politicamente problemática. Já a mesma dependência ocorria para a URSS, que tinha como principal fonte de capital bruto a exportação energética.

Os primeiros metros cúbicos de Gás Natural soviético chegariam à Europa Ocidental em 1968 e importantes relações foram firmadas nos anos seguintes. Projetos como os gasodutos de Urengoy-Pomary-Uzhgorod, no final da década de 70, realizariam um plano ambicioso de criar uma via de gás de 4.500km, ligando o mercado europeu aos campos de extração na Sibéria. No início desta década, 15% de todo o uso energético europeu era de gás natural.

QUADRO 2 - Importações da Europa Ocidental, 1982, em milhões de metros cúbicos ³³ .				
	Europa Ocidental	União Soviética	Argélia	Líbia
Áustria	40	2,961		
Bélgica	9,153		376	
Finlândia		694		
França	9,990	3,650	6680	

³³Disponível em: <<https://perhogselius.files.wordpress.com/2010/09/natural-gas-in-cold-war-europe-5-may-2010.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

Alemanha Ocidental	32,579	10,889		
Itália	4,851	8,611		26
Países Baixos-Holanda	3,578			
Espanha			1290	954
Suíça	1,192			
Reino Unido	10,682		16	
TOTAL	72,065	26,805	8,362	980

QUADRO 3 - Consumo primário de energia na Europa, 1980, em GWano/ano ³⁴ .							
Europa	Sólidos	Petróleo Bruto	Gás Natural	Nuclear	Hidro	Eletricidade	Total
Norte	21.0	64.7	2.4	11.4	40.9	0.2	140.6
Central	311.1	593.7	216.0	57.8	53.3	- 0.6	1231.3
Sul	65.2	251.2	39.4	2.4	33.6	0.9	392.7
Leste	323.5	144.1	89.2	7.8	9.1	5.4	579.1
Total	720.8	1053.7	347.0	79.4	136.9	5.9	2343.7

4.1.2.2 Os riscos da interdependência

A incessante preocupação ocidental tem suas bases fundadas na hipótese da União Soviética se utilizar das relações energéticas para exercer pressão econômica. O conceito de pressão econômica é comum a todas as relações internacionais, é a síntese de como o poder do capital pode influenciar políticas externas e internas, e protagoniza conflitos. Consiste na manipulação internacional e, por implicação, doméstica, de transações econômicas em forma de compelir ou induzir o comportamento político de outra nação.

A URSS poderia usar seu suprimento energético de duas formas: a primeira, ameaçando ou realizando um completo embargo no suprimento; ou se utilizar de sua energia para alimentar gradualmente uma dependência europeia ocidental, resultando em aumentada influência política. No primeiro caso, os soviéticos interromperiam completamente o fluxo de gás natural pelos gasodutos, forçando uma situação econômica desfavorável para seus antagonistas, assumindo as possíveis consequências –

³⁴Disponível em: <<http://pure.iiasa.ac.at/2465/1/WP-84-053.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

no caso soviète, a perda de sua fonte de capital bruto e de reputação como fornecedor confiável. O sucesso de tal tentativa de pressão dependeria na capacidade da nação-alvo do embargo de garantir fornecimentos alternativos de energia, ou, sustentar sua economia além das onerações causadas. Não obstante, tal cenário também pode funcionar em via contrária, significando uma suspensão de compra da URSS.

Historicamente, a URSS se utilizou continuamente de seu papel de comprador para influências políticas, suspendendo diversos contratos de compras de nações as quais se mostraram partidárias de qualquer tipo de sanção contra a União. Em contrapartida, na posição de fornecedor energético, a postura soviética tem representado um contínuo interesse em contratos duradouros e estáveis. Críticos consideram que tal posicionamento favorável à integração econômica representa o perigo de estender, contínua e gradualmente, a dependência ocidental, reforçando uma postura não agressiva. Por outro lado, a política fornecedora não agressiva, se mostra diferente em relação aos países do bloco socialista, esses tendo total dependência energética e sendo sancionados constantemente com uma firme influência soviética.

É possível aferir, dada a análise do comportamento das relações exteriores soviéticas, que em um cenário de um conflito, como, por exemplo, intervenções no terceiro mundo, no qual sanções fossem aplicadas sobre a União Soviética pelo Ocidente, haveria uma intervenção em assuntos domésticos. Portanto, a URSS disporia de diversos argumentos “legais” para um embargo, dado o caráter “ilegal” das sanções.

4.2. As relações diplomáticas soviéticas e os movimentos separatistas

A postura revisionista assumida por Nikita Khrushchov (1953 – 1964) no comando soviético após a morte de Josef Stalin trouxe sérias implicações nas relações diplomáticas da nação, que, conseqüentemente, redesenham o quadro dos membros do COMECON e trouxeram impactos para sua economia.

Uma das características elementares do revisionismo é a adesão à teoria da coexistência pacífica, em detrimento da luta de classes e da revolução do proletariado. Partindo desta premissa, o termo é utilizado para fazer menção ao desprendimento às origens marxistas-leninistas, verificado no governo de Khrushchov e parcialmente no de Brezhnev. O chamado “Discurso Secreto”, no qual Khrushchov proferiu críticas e revelou os crimes perpetrados por Stalin durante os expurgos, não foi visto com bons olhos pelo Partido Comunista Chinês e demais lideranças. Seguindo a teoria integral de Lenin sobre a relação entre chefes, partidos, classes e massas, deveria ser mantida uma imagem positiva do período stalinista. A partir do momento em que deprecia as raízes

históricas, Khrushchov estava socando o princípio do centralismo democrático do Partido, passando, por isso, a ser visto como uma traição ao marxismo.

Em decorrência dessas divergências quanto aos rumos ideológicos soviéticos, podemos tomar como pontos de partida, para a análise histórica, a ruptura sino-soviética e a saída da Albânia do Conselho, dentre outros desdobramentos posteriores ao seu mandato que serão dissecados nos tópicos subsequentes, como os movimentos separatistas deflagrados já na Era Brezhnev.

4.2.1. A cisão sino-soviética (1949 - 1969)

Os germes do conflito entre a URSS e a China foram semeados ao longo da primeira metade do Século XX, no contexto dos antecedentes da Revolução Popular Chinesa. Após a queda da Dinastia Qing, havia dois polos de poder tentando colocar seus líderes como autoridade central e universalmente aceita: os nacionalistas, na figura de Chiang Kai-shek, e os comunistas, encabeçados por Mao Tsé-Tung. O que se verificava era a não prevalência de nenhum dos dois, cada um exercendo influência em partes do território.

A despeito de internamente não haver tanta disparidade na influência sobre a população, externamente, o apoio conferido por Stalin preponderantemente aos nacionalistas foi determinante para retardar a concretização da Revolução Chinesa. Em 1923, foi firmado um acordo de cooperação política entre o embaixador soviético Abraham M. Ioffe e o Chefe do Kuomintang, representante dos nacionalistas. Convencionou-se que a China não estava preparada para uma revolução comunista, devendo percorrer algumas etapas prévias para poder implantar o modelo. Tal concepção limitou a expansão do Partido Comunista Chinês, vinculando-o aos rumos traçados pelos nacionalistas. Contraditoriamente, buscando defender seus interesses coloniais nas terras fronteiriças, a União Soviética também prestava apoio aos comunistas, tornando fluída sua influência na guerra civil chinesa³⁵.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tentaram propor uma coalizão entre os nacionalistas e os comunistas, enviando o general George Marshall para fortalecer a ideia, entretanto, não obtiveram sucesso. Os comunistas até demonstraram a pretensão de atuar do mesmo lado com os nacionalistas no que diz respeito ao Japão, sugerindo que este deveria ser tido como um inimigo comum, para

³⁵ Segundo Kissinger (2011, p. 64) “A União Soviética reconhecia o governo nacionalista, mas mantivera suas opções em aberto fornecendo armas para o Partido Comunista; ao mesmo tempo, despejara uma força militar maciça e indesejada no nordeste da China, a fim de restaurar parte de suas antigas pretensões coloniais”.

que pudessem se fortalecer em uma eventual disputa territorial. Os nacionalistas não acataram a ideia, e as investidas entre os dois lados continuaram.

Em 1946, a URSS reconheceu diplomaticamente o governo do Kuomintang, na crença de que o Partido Comunista da China seria derrotado numa iminente guerra civil. Em 1949, antes da fuga de Chiang e da tomada do poder por Mao, a última embaixada a permanecer prestando apoio aos nacionalistas foi a da URSS, revelando que nem no último momento os soviéticos pensaram em prestar apoio ao PCC.

Após ter sido proclamada, a República Popular da China passou a receber boicotes oriundos dos EUA. No âmbito do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o governo reconhecido ainda era o Kuomintang³⁶, e permaneceu até 1971. A “China Vermelha” então, desde os seus primeiros passos, demonstrava que não teria facilidade para manter a estabilidade da política externa, seja com o seu, em tese, aliado ideológico, seja com o antagonico. Para Stalin, a Revolução de Mao foi vista como uma desobediência às recomendações soviéticas que, até então, consideravam como governo legítimo o dos nacionalistas. Resistiu a reconhecer e negociar com a RPC, cedendo em alguns pontos tão somente para manter os privilégios territoriais conquistados em negociações com Chiang Kai-shek.

4.2.1.1 Tratado de amizade, aliança e ajuda (1950)

Mao Tsé-Tung após a proclamação da RPC viajou a Moscou, ficando por aproximadamente dois meses. Foi enfatizado pelo líder chinês que o seu país necessitava de um período de paz para reestruturar a sua economia. Stalin temia, entretanto, que a experiência verificada na Iugoslávia se repetisse: a única nação a prosperar na revolução comunista sem ter recebido influências diretamente da União Soviética, independência esta que levou ao rompimento das relações, indo de encontro aos interesses stalinistas de submeter as demais nações comunistas à sua esfera de poder. O modelo comunista teve seu parto na União Soviética e não seria interessante para a deflagração dos ideais que o cordão umbilical fosse rompido.

Durante a reunião, Stalin demonstrou a pretensão de manter as concessões feitas por Chiang no porto da Manchúria e na Mongólia Exterior. Mao, entretanto, via a região como estratégica para desenvolver um núcleo chinês especializado em ferrovia e indústria. Seus interesses entravam em rota de colisão.

³⁶Ibid., p. 65 “Decretaram a mudança da capital da República da China para Taipei e afirmaram que poupariam forças para um dia regressar ao continente. E mantiveram seu lugar no Conselho de Segurança das Nações Unidas”.

Após longa deliberação, Stalin cedeu e concordou em celebrar um acordo, que ficou denominado Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua. Em linhas gerais, foi estipulado que, em caso de conflito com uma terceira potência, a União Soviética seria aliada chinesa, em troca da manutenção das concessões territoriais³⁷. Parecia justa a assistência econômica estabelecida em troca das concessões, mas, posteriormente, Mao enxergou o Tratado como uma tentativa stalinista de estabelecer semicolônias no território chinês. O que não se pode deixar de pôr em evidência é a relevância do tratado diante da eclosão da Guerra da Coreia, que será analisado no subtópico a seguir.

4.2.1.2 Guerra da Coreia (1950 – 1953)

Na Conferência de Yalta, foi criado o Paralelo 38, que dividiu a Coreia, outrora território uno, entre Coreia do Norte, sob a esfera de influência socialista, e Coreia do Sul, aliada aos Estados Unidos. O líder norte-coreano, Kim Il-Sun, visando unificar os dois territórios por meio da força, tentou estabelecer aliança com a República Popular da China e com o governo de Stalin, que, num primeiro momento, restou infrutífera. Ambos hesitavam sobre a possibilidade do conflito assumir dimensões mundiais, caso os Estados Unidos entrassem na contenda. Para a China, que se reerguia economicamente e buscava a estabilidade política, seria desastroso concordar com o envolvimento em outro conflito.

Apenas posteriormente, em abril de 1950, a URSS e a China declararam sua adesão à guerra. Stalin acreditava que os EUA não iriam intervir, afastando o seu temor de colocar as duas grandes potências da Guerra Fria em embate direto. Além disso, temia o fim das concessões territoriais feitas por Mao, tendo em vista que no momento da celebração do Tratado de Amizade, Aliança e Acordo, o líder chinês teria deixado claro que tais benesses seriam temporárias.

Para Stalin, então, tornava-se mais estratégica a ideia de uma Coreia unificada que lhe servisse como base naval, quando o prazo para dispor das bases chinesas expirasse. Mao, por sua vez, embora receoso quanto à instabilidade econômica que sucederia à guerra, levou a punho seus ideais internacionais de revolução e decidiu prestar apoio aos norte-coreanos.

Dois dias após o início do conflito, entretanto, os Estados Unidos declararam guerra à Coreia do Norte, e, assim, perdeu o caráter regional para ser um dos maiores embates registrados na Guerra Fria. Durante quase dois anos, as medidas ofensivas

³⁷Na Manchúria, Xinjiang, reconhecimento da independência da Mongólia Exterior, o uso soviético do porto de Dalian e a utilização da base naval de Lushun.

foram freadas por um armistício, e, em 1953, com o fim da guerra, basicamente se mantiveram os limites fronteiros do Paralelo 38. Para a União Soviética, a Guerra da Coreia não foi muito vantajosa, pois, apesar de a China não ter conseguido concretizar todos os seus objetivos, mostrou ao mundo que poderia duelar no mesmo nível com uma superpotência, e, assim, não mantinha uma relação de dependência tão intensa com a URSS.

4.2.1.3 O conflito fronteiro sino-soviético (1969-1971)

Alargando a fenda diplomática que havia se instaurado entre os dois países, já no governo de Brezhnev, se verificou um conflito na ilha Zhenbao, no rio Ussuri, onde a Sibéria faz fronteira com a China, havendo muita controvérsia sobre quem teria iniciado as investidas³⁸. Após cerca de 20 anos sem manter quaisquer relações com a China, os Estados Unidos temiam uma iminente guerra entre os países comunistas e se manifestaram na tentativa de conseguir abertura com os chineses.

Durante uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, em 1969, Nixon se mostrou preocupado com a eventualidade do conflito, alegando que seria uma afronta à paz internacional. Foi feito alarme militar de “prontidão de combate em primeiro grau”³⁹, tendo, como resposta, a postergação do ataque por parte da União Soviética. Não era previsto pelos soviéticos que os Estados Unidos iriam intervir, o que fez com que recuassem, pondo fim, em tese, ao clima de tensão⁴⁰.

A consequência do conflito fronteiro foi o rompimento das relações entre os países comunistas, que já se encontravam fragilizadas, cada qual tentando firmar sua liderança no panorama mundial. A China, se abrindo economicamente para os Estados Unidos; a União Soviética passando a tentar implantar a hegemonia soviética.

4.2.2 Saída da Albânia do COMECON (1961)

As críticas de Khrushchov investidas contra a Albânia no 22º Congresso do Partido Comunista da União Soviética foram consequências dos contornos tomados pelas relações sino-soviéticas. Em 1961, o líder soviético declarou, em seu discurso de abertura, que não poderia alterar o curso estabelecido no 20º Congresso, em 1956, no

³⁸“O embaixador soviético Anatoly Dobrynin foi à sala de Henry Kissinger relatar a versão do seu país sobre o conflito, alegando que teria sido deflagrado pelos chineses. Para os norte-americanos, a priori, teria sido uma emboscada soviética, por ter sido próximo à região de suprimento russo e distante do chinês, o que somente tempos depois restou comprovado o equívoco.”(KISSINGER, 2011, p. 143).

³⁹Existem três graus de prontidão combativa. O primeiro grau consiste na disposição das tropas na região em que acontecerá o embate para que tomem ações imediatas. Quando é emitido o alarme militar, as tropas recuam para a região pré-concentração (segundo grau) e concentração (terceiro grau), que, ao contrário da prontidão de primeiro grau, no qual já se visa a ação imediata, é um estágio de preparo.

⁴⁰Apenas após a morte de Brezhnev, em 1982, uma nova lei soviética delimitou a fronteira do Rio Ussuri no meio do canal de navegação dos rios navegáveis.

qual lançou as bases do revisionismo. Sabe-se que, desde então, críticas eram direcionadas a Stalin, configurando o chamado “revisionismo marxista”, considerado por muitos países, dentre eles a Albânia, como uma traição à própria base do movimento.

O premiê chinês ChouEn-lai criticou duramente o posicionamento e dois dias depois deixou o evento, antes de seu encerramento. Durante a contestação feita no Congresso, os comunistas chineses recitaram o discurso utilizado por uma delegada chinesa na União das Mulheres de Albânia, feito no mesmo ano, em que foi dito que a relação entre a Albânia e a China é inquebrável, por ser fiel aos princípios marxistas-leninistas e ao internacionalismo do proletariado⁴¹. Após o evento, a Albânia deixou o Conselho, e passou a ser aliada econômica e ideológica dos chineses.

4.2.3 A entrada de Cuba no COMECON (1972)

Ao contrário da China, que vinha tentando estabelecer relações com os Estados Unidos, conforme visto no tópico anterior, os cubanos sofriam as consequências do embargo econômico por parte dos estadunidenses após a Revolução, que, em 1959, depôs o então governante, Fulgencio Batista, aliado americano. Além disso, deve-se levar em consideração que Cuba herdou uma crise econômica alarmante, por ter se tornando, anos antes, um mero apêndice do comércio exterior dos Estados Unidos, exportando açúcar para os países sob sua influência.

A integração socialista, portanto, a partir de 1960, desempenhou papel fundamental para que Cuba não entrasse em colapso. A primeira medida de apoio tomada foi a garantia, por parte da URSS, de que compraria 325 mil toneladas de açúcar em 1960, e um milhão de toneladas anuais nos quatro anos posteriores⁴². Concedeu também empréstimos para compra de equipamentos, máquinas e assistência técnica, caso fosse necessário. Com os demais países do COMECON, também foram firmados contratos bilaterais para fomentar a economia da ilha.

O ingresso de Cuba no Conselho foi formalizado em 1972. Na 30ª Sessão ficou acordado que a ilha desfrutaria de condições preferenciais nas transações, significando, na prática, crédito em condições vantajosas, aplicação de preços

⁴¹ ZAGORIA, Donald S. **Khrushchev's Attack on Albania and Sino-Soviet Relations**. The China Quarterly. Cambridge, p. 1-19. Oct-1961. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/651662>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

⁴² **CUBA EN EL CAME**: Una Integración extracontinental. Nueva Sociedad: Silvia Pérez, n. 68, 1983. Disponível em: <<http://nuso.org/articulo/cuba-en-el-came-una-integracion-extracontinental/>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

estimulantes aos produtos cubanos, prestação de ajuda no desenvolvimento da ciência e construção conjunta de objetivos industriais.

4.2.4 Era Brezhnev

Após a saída de Khrushchov do poder, assumiu Brezhnev, que, conforme se depreende dos seus discursos durante os primeiros Congressos do Partido Comunista sob seu comando, mantinha a tendência revisionista instaurada pelo seu antecessor⁴³. Logo no 23º Congresso, reforçou a ideia da passagem pacífica ao comunismo via parlamentar, renegando a ideia de ditadura do proletariado e luta de classes. Tal posicionamento angariava tanto críticas por parte dos países que seguiam a linha maoísta, quanto adesão por parte dos países que usavam do revisionismo para mascarar uma passagem para o capitalismo, na roupagem social-democrata.

Com a ameaça da derrocada do regime comunista em algumas nações, o líder soviético sentiu a necessidade de alterar a estratégia de defesa dos interesses do país. Implementou a “Doutrina Brezhnev”, que consiste no direito e no dever de qualquer Estado socialista fornecer assistência fraterna a outro que esteja enfrentando alguma tentativa de mudança de modelo político-econômico, pela oposição ou pelo próprio governo, acentuando, assim, a interdependência entre os países do Bloco. Durante seus discursos, declarava a importância da postura para o fortalecimento da comunidade socialista.

A Tchecoslováquia, em 1968, foi o primeiro palco de aplicação da Doutrina Brezhnev⁴⁴. O chefe de Estado, Dubček, intencionava aplicar medidas liberalizantes no país, atendendo aos anseios da população por um regime menos autoritário e centralizado. Tal política ficou conhecida como Primavera de Praga, e foi duramente reprimida pelas tropas militares dos países que compunham o Pacto de Varsóvia (com exceção da Romênia), que decretaram a prisão de Dubček e demais dirigentes do movimento. Em 1969, subiu ao poder Gustav Husák, aliado e defensor dos interesses da União Soviética. A partir desse acontecimento, os soviéticos passaram a robustecer o controle sobre os países aliados, temendo o esfrelamento do Bloco. Poderemos analisar essa perspectiva, na prática, no caso do Afeganistão, que será posteriormente abordado.

O rompimento com a China e com a Albânia não são os últimos abalos enfrentados pela URSS. O modelo soviético vem sendo assustadoramente ameaçado por

⁴³MARTENS, Ludo. **Os Anos de Bréjnev: Stalinismo ou Revisionismo?**. 1990. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/martens/1990/09/brejnev.htm#tr1>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁴⁴ HASMATH, Reza. **The Utility of Regional Jus Cogens**. 2012. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1366803>. Acesso em: 26 mar. 2017.

parte de grupos extremistas no Afeganistão, ensejando intervenção militar a partir de 1979, como também pela Polônia e os movimentos sindicalistas, além de outros movimentos menores verificados nos países observadores do COMECON, que numa visão holística revelam uma crise na hegemonia comunista dentro do bloco socialista.

Nessa toada de intervenções militares e guerras, o então presidente norte-americano Richard Nixon consubstanciou uma política de relaxamento nas tensões entre as duas superpotências, que vinha sendo semeada desde a Crise dos Mísseis⁴⁵ (1962). Alarmados com a dimensão da catástrofe que uma guerra nuclear poderia acarretar para os seus países e para o restante da humanidade, surgiu um receio mútuo das duas nações de entrarem em conflito direto. Sobretudo com o advento da Guerra do Vietnã, que será abordada a seguir, e com a crise monetária de 1971, a política de relaxamento denominada *détente*⁴⁶ ganhou força.

Passa, então, a haver uma convergência temporária de interesses. Os Estados Unidos aceitariam a Doutrina Brezhnev e a conseqüente hegemonia político-militar soviética na Europa Oriental, enquanto penetrariam economicamente na região⁴⁷. A relação menos conflitante e a estabilidade traria benefícios para todos. A aproximação entre a China e os Estados Unidos, que se aproveitaram da cisão sino-soviética para estrategicamente cessar a Guerra do Vietnã, fez com que se formasse um “triângulo estratégico”, no qual a União Soviética se encontrava na desvantagem de ter que afrouxar a tensão para não acabar em atrito com as duas grandes potências. Ainda que não da maneira mais “honrosa”, Nixon retirou suas tropas do Vietnã como reflexo da doutrina de relaxamento que passou a aplicar.

Com o Escândalo de Watergate⁴⁸ e a posterior renúncia de Nixon, todavia, a *détente* perdeu espaço. Durante as eleições presidenciais de 1976, o candidato democrata Jimmy Carter apontava a *détente* como uma imoralidade, e Reagan, disputando pelo Partido Republicano, considerou a política de relaxamento uma

⁴⁵ Com a vitória da Revolução Cubana e a ascensão de Fidel Castro, os Estados Unidos passaram a temer que o comunismo se alastrasse por toda a América Latina. Com isso, Kennedy rompeu relações diplomáticas com a ilha e aplicou embargo comercial, sucedido de tentativa fracassada de golpe de Estado. Tal tentativa infrutífera deu azo para que Khrushchov tomasse a decisão de pressionar Kennedy, e convenceu Castro a aceitar 60 mísseis de alcance médio e intermediário, como também 42 mil soldados. Antes que pudessem ser acionados, as bases de lançamento foram descobertas em 14 de outubro de 1963. Após longas negociações, firmou-se que a URSS retiraria os mísseis e agentes militares de Cuba, e os EUA retirariam os mísseis da Turquia, em troca da não invasão norte-americana na ilha.

⁴⁶ Termo de origem francesa que significa, no contexto, relaxamento das tensões.

⁴⁷ MOTA, Luiz Gustavo Ramaglia. **A política externa norte-americana na Guerra Fria: Análise da *détente* no período Nixon-Kissinger**. 2011. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2011.

⁴⁸ Denomina-se Escândalo de Watergate uma série de polêmicas que envolveram a eleição de Nixon em 1972, que dispôs de meios fraudulentos para garantir a reeleição.

enfraquecedora da supremacia militar norte-americana. A política foi, por fim, com a posse da presidência por Carter, extinta, e os seus reflexos passam a ser observados nos conflitos que se sucederam.

4.2.5 Os casos do Vietnã, da Polônia e do Afeganistão

O conflito no Vietnã tem suas origens na divisão territorial, feita após a Segunda Guerra Mundial, entre Vietnã do Norte, sob influência socialista, e Vietnã do Sul, sob influência capitalista. Tal delimitação geográfica deveria ser mantida tão somente até a realização de um plebiscito que aprovasse ou rejeitasse a unificação. O Vietnã do Sul, em 1955, temendo a vitória comunista, cancelou as eleições e o processo de unificação. A partir de então, passou a receber armas e demais auxílios dos Estados Unidos. O envolvimento ativo dos EUA, no entanto, ocorreu somente 10 anos depois, quando navios americanos foram bombardeados pelo Vietnã do Norte.

Em 1968, o Vietnã do Norte ocupou a capital do Vietnã do Sul, Saigon, o que representou uma grande derrota para os Estados Unidos. Após sucessivas perdas, em 1973, os EUA oficialmente saíram da guerra, que permaneceu entre as tropas do norte e do sul. Somente em 1976, passados três anos, o Vietnã foi unificado sob o regime comunista, aliado à União Soviética, e ingressou ao COMECON em 1978.

O Afeganistão, por sua vez, em abril de 1978, testemunhou uma revolução comunista, liderada por políticos financiados e apoiados pela União Soviética, ficando conhecida como Revolução de Saur, instaurando a República Democrática do Afeganistão. A influência soviética nas principais cidades era tão latente que o russo passou a ser ensinado nas escolas primárias. Já no interior do país, havia muitos grupos extremistas insurgentes, que iniciaram uma série de pequenas revoltas, com o objetivo de enfraquecer o novo governo comunista, os *mujahidins*.

As táticas de guerrilha empregadas pelos *mujahidins* estavam enfraquecendo a força do governo nas províncias periféricas, prestes a sucumbir. Em 1979 foi dada a autorização, por Brezhnev, para que militares soviéticos entrassem no país. A diferença de organização e nível de tecnologia era gritante, mas, ainda assim, os *mujahidins* contavam com um forte apoio popular, o que dificultava a tarefa dos líderes comunistas de controlar a rebelião. Moscou, temendo a perda da influência na região, ordenou a tomada de medidas mais contundentes, como a ocupação dos edifícios políticos em Cabul. Desde o início da década de 80, o conflito vem se arrastando e deixando várias mortes no caminho.

Na Polônia, também surgiam ameaças ao modelo soviético. A irrupção do Solidariedade, sindicato nacional reunindo todos as demais associações do país, indicava um cenário de insatisfação com a crise econômica que atravessavam. Walesa foi eleito o líder do movimento durante o primeiro congresso nacional. Durante a reunião, conclamou às demais nações do Leste Europeu a seguirem o exemplo, e os líderes comunistas, sentindo a ameaça que o sindicato trazia, passaram a organizar um esquema de repressão para se manter no poder.

4.3 A crise no sistema socialista

Com a morte de Stalin, seu sucessor foi escolhido enquanto o povo soviético ainda mantinha sua atenção voltada para as solenidades do velório de seu antigo líder. Coube a Nikita Khrushchov realizar a primeira tentativa de reformar o sistema socialista, apaziguando as partes mais incongruentes do funcionamento do socialismo e tentando voltar atenção especial para a população no tocante aos bens de consumo e serviços públicos fundamentais.

O foco da mudança econômica encabeçada pelo novo líder era a agricultura, visto que a maioria dos insumos consumidos pelos cidadãos tinha origem no campo. Além de uma visível discrepância de condições de vida entre a cidade e o campo, os camponeses enfrentavam alguns desafios que os desestimulavam a produzir, como falta de meios adequados e a existência de impostos sob o uso de equipamentos e veículos de transporte.

Com uma população saturada dos rumos que era obrigada a seguir, Khrushchov planejou medidas que estimulassem a produção dos camponeses juntamente com uma redução de preços dos produtos industriais de consumo, cuja demanda era constante. Preços foram reformados, pagamentos forçados foram abolidos e impostos foram reduzidos. Tais ajustes aceleraram a produção agrícola, que registrou uma evolução de 7% entre 1954 e 1959. Tendo dado o merecido e necessário enfoque ao seu povo, a URSS declarava que, ainda que dedicasse mais tempo aos seus cidadãos do que antes, isso não significaria uma redução da importância do crescimento armamentista e da garantia de segurança para seu território, Khrushchov se apresentava como mediador deste equilíbrio entre indústria bélica e políticas públicas.

Sabendo que a economia, em qualquer lugar ou época, funciona de maneira cíclica, a URSS dos anos 1960 entra em período de desaceleração, após vivenciar décadas de um crescimento tão grande que o padrão de vida de seus habitantes não era tão distante dos norte americanos. Começam a ser discutidas medidas que constituiriam

uma segunda reforma no modelo socialista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, uma vez que a taxa de crescimento de alguns setores já deixava a desejar em relação ao esperado, proporcionando discussões econômicas e críticas entre os acadêmicos soviéticos que estudavam e pesquisavam a área, pesando negativamente na já reduzida aceitação de Khrushchov pelas demais figuras políticas de alto escalão⁴⁹.

Apesar dos problemas econômicos que reapareciam, o período que sucedeu a saída de Khrushchov foi creditado, pelos próprios soviéticos, como a Era da Estabilidade. De maneira contraditória, era o mesmo período em que a União Soviética encontrava-se em crise com a China, sem controle de relações mais próximas, com uma convivência volátil com os Estados Unidos da América e uma situação interna controversa envolvendo o nome de Stalin, cuja imagem sofreu arranhões causados por um informe secreto redigido por Nikita Khrushchov denunciando crimes que o mais popular líder soviético havia cometido.

Com essa situação, Leonid Brezhnev encabeça o cargo de liderança máxima do bloco, ele assumiu o lugar de Khrushchov, líder deposto no mesmo ano (1964). Por outro lado, externamente, a influência soviética aumentava graças a alguns avanços, como a URSS sair na frente na corrida espacial, lançando os primeiros satélites e o levando o primeiro ser humano (Iuri Gagarin) ao espaço nos anos 1960.

Dez anos depois de tais feitos espaciais, que impressionaram o mundo capitalista, o desenvolvimento do bloco se iguala aos Estados Unidos da América enquanto potência militar e naval, e, ainda assim, na virada para os anos 1970, o ritmo de produção, antes acalorado, começava a esfriar e perder a velocidade que fez a União Soviética catapultar para entre as nações mais poderosas do mundo, essa é a principal característica da Era Brezhnev.

O primeiro decênio sob o comando do sucessor de Khrushchov registrou uma média de crescimento de pouco mais de 4%, a Crise do Petróleo deflagrada no âmbito da OPEP, envolvendo seus membros, simbolizou um pico breve nesse tempo de caminhada linear da economia soviética: o aumento do preço do barril de petróleo injetou bilhões de dólares nos cofres socialistas. Ainda assim, a economia seguia estagnada e sem perspectivas de reencontrar o crescimento vivido outrora.

Essa desaceleração das economias socialistas era devida principalmente ao esgotamento do modelo de industrialização extensiva, caracterizado pela adição de

⁴⁹ Por contribuir para um sistema dito “anarquizante” com a liberação de presos políticos (precisamente oito milhões) e aproximação com países do Ocidente, Nikita Khrushchov acabou sendo deposto em 1964.

trabalho, matérias primas e capitais aos processos produtivos já existentes, além do choque do petróleo determinada pela OPEP, o que afetou fortemente o saldo das contas públicas nos regimes socialistas, a ponto de alguns entrarem em moratória com os bancos internacionais⁵⁰.

Outro fator que contribuiu fortemente para esse processo de estagnação é o fato de que os sistemas econômicos socialistas funcionam como “economias de guerra”, ou seja, destinam boa parte dos seus orçamentos públicos para os gastos militares, em detrimento de investimentos na agricultura e em outros setores produtivos. Note-se o fato de que o complexo industrial-militar soviético, embora tenha um nível tecnológico comparável às potências do Ocidente, ainda não possui condições de difundir o uso dessa tecnologia militar para o uso civil, consequência da extrema verticalização do sistema de inovações soviético nas unidades de pesquisa para fins militares⁵¹.

Além desse lastimável contexto, as economias ligadas ao bloco socialista se estagnaram no velho modelo taylorista-fordista, baseado na “produção em massa-consumo em massa”, sem levar em conta a inovação tecnológica e a qualidade dos artigos industriais produzidos. Enquanto o Ocidente capitalista passa por um processo de Revolução Técnico-Científica Informacional, caracterizado pela intensa incorporação de tecnologias de avanços técnico-científicos, privilegiando a introdução de recursos informáticos e robóticos nos processos produtivos, os países do Leste Europeu mantêm estratégias econômicas defasadas, com planos quinquenais que subestimam os níveis de produção industrial, a concessão de subsídios a setores econômicos que perdem competitividade no mercado internacional e, sobretudo, a falta de estímulos governamentais na renovação da base produtiva socialista⁵².

Por isso, procurando manter a paridade com países de funcionamento capitalista, a chefia de Brezhnev preocupou-se também em igualar-se ao Ocidente no âmbito da educação, através da promoção da Revolução Científica e Técnica (RCT), sua peça-

⁵⁰ Um exemplo dessa grave situação é a Coreia do Norte: durante a década de 1960, o país teve um *boom* econômico propiciado por investimentos pesados em tecnologia militar e indústria pesada. Todas essas ações eram custeadas a partir da contração de empréstimos nipo-dinamarqueses e pelo aumento das vendas do minério norte-coreano no mercado internacional. Todavia, o choque do petróleo em 1973 colocou o país em uma situação de falência em suas contas públicas, a ponto de suspender o pagamento dos empréstimos externos entre o fim da década de 1970 e o início do presente período.

⁵¹ Ainda que houvesse um inevitável *spill-over* das inovações militares para uso civil, a prioridade era essencialmente militar, embora haja o uso nos produtos não militares de materiais de pior qualidade e baixo desempenho.

⁵² Nas economias capitalistas, a difusão das inovações se dá por meio da concorrência por novos produtos e processos produtivos e, a menos que seja compensada por uma expansão autônoma dos gastos, provoca desemprego tecnológico. Em condições de baixo crescimento, a modernização tecnológica se deu desde os anos 1970 na base de demissões em massa e flexibilização dos mercados de trabalho. Mas isto não é possível nos países do bloco socialista.

chave na corrida para a equidade com o resto do mundo. A RCT representava a preocupação mais do que factual com o sistema socialista e o projeto foi alvo de grandes investimentos em produção científica e tecnológica. Um tempo depois de sua implementação, a URSS tinha o maior número de engenheiros e cientistas dentre todos os países desenvolvidos da época, além de aumentar o número de indivíduos escolarizados de 1,2 milhões para 18,5 milhões. A qualidade dessa educação que alavancou em tão pouco tempo é questionável, mas o plano pôs a população soviética na lista dos povos mais escolarizados e profissionalmente qualificados do mundo.

Leonid Brezhnev comanda a URSS até 1982. Internamente, seu governo, que durou quase duas décadas, é creditado como um período estável para a economia e sociedade soviéticas, externamente, é tido como o prelúdio de uma crise no modelo socialista soviético. As reformas em todas as estruturas que engrenam o funcionamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas acontecem à medida que o avançar do tempo revela alguma obsolescência em seu seio, quando comparado ao Ocidente, mas dois pilares do sistema permanecem incólumes a todas as mudanças presenciadas até agora: o sistema político rígido e a economia de funcionamento vertical.

5 CONCLUSÃO

A organização política do Bloco permanece a mesma, a formação e o funcionamento de sua cúpula política estão aquém da opinião do povo que representam. Embora as últimas mudanças significativas tenham sido em prol da população, esta continuava sendo direcionada às cegas para um futuro com o qual não se pode dizer que compactuavam, uma vez que não tinham as rédeas de seu próprio destino, coisa que vai contra as bases da política enquanto instrumento vinculativo entre cidadãos e Estado.

Em simbiose com a esfera política, está a economia do coletivo soviético, planejada desde sua concepção e moldada ao bel prazer dos dirigentes de alto escalão, além de igualmente independente das milhões de pessoas que afetava. Neste diapasão, a discussão que a cúpula terá, com todos os países que comungam do socialismo, buscará a harmonização de todas as desigualdades do modelo comum, o desenvolvimento conjunto das nações irmãs e o desvio de qualquer trajetória que traga consigo uma dissidência irreversível.

A existência da União Soviética consiste em uma sucessão de tentativas, por parte de seu povo e de seus representantes, de garantir a existência do regime socialista em meio a um mundo que caminhava na direção oposta. Mesmo após as tantas mudanças comentadas, o Bloco continua em certa desvantagem em relação ao Ocidente.

O que faltava para a RCT catalisar todas as mudanças que o avanço tecnológico prometia consigo? Quais inovações a União Soviética ainda pode incorporar para manter-se em harmonia com o crescimento mundial e voltar a evoluir internamente? Após tanta preocupação em proteger-se das ameaças externas, estaria o fim da União Soviética imbuído nela mesma? São perguntas que deverão ser respondidas concretamente antes que a crise, que parece nascer silenciosamente em meio a especulações e “estabilidade”, se alastre sorratamente e ameace o sistema socialista e seu futuro.

Sendo assim, diante da problemática de crise sistemática estrutural do bloco, os representantes dos países membros do COMECON terão um grandioso desafio a ser cumprido: o dever de elaborar uma reforma que traga de volta o desenvolvimento econômico, conjugado com a manutenção da atualmente fragilizada ideologia socialista.

6 REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BIDELEUX, Robert; JEFFRIES, Ian. **A History of Eastern Europe: Crisis and Change**. 2. ed. New York And London: Routledge, 1998. 720 p.

BRINE, JENNY. **Comecon: The Rise and Fall of an International Socialist Organization**. Transaction Publishers: London, 1992. p.12.

BURANT, Stephen R. **EAST GERMANY: A country study**.3ª ed. Washington D.C.: Library of Congress, 1987.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **USSR Energy Atlas**. Langley: CIA Historical Review Program, 1985, 82 p.

CUBA EN EL CAME: Una Integración extracontinental. Nueva Sociedad: Silvia Pérez, n. 68, 1983. Disponível em: <<http://nuso.org/articulo/cuba-en-el-came-una-integracion-extracontinental/>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

HÖGSELIUS, P; KAIJSER, A; ÅBERG, A. **Natural Gas in Cold War Europe: The Making of a Critical Transnational Infrastructure**. Draft chapter for the EUROCRIT edited volume, 2010.

JUBRAN, Bruno Mariotto. **A política externa soviética e seus desígnios econômicos: o caso do Comecon**. Disponível em: <www.encontronacional2015.abri.org.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYTtoxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSVZPIjtzOjQ6IjQ3MTYiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiOTdhZTI3ZGUyMzM4MDNjZWl2OTEzZDg3ZTQ4ODg2MmliO30%253D+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 25. Fev. 2016.

LEE, J-S; CONNOLLY, D. **Pipeline Politics between Europe and Russia: A Historical Review from the Cold War to the Post-Cold War**. The Korean Journal of International Studies, Vol.14, No.1, p. 105-129, 2016.

MARTENS, Ludo. **Os Anos de Bréjnev: Stalinismo ou Revisionismo?**. 1990. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/martens/1990/09/brejnev.htm#tr1>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

RIBEIRO, Sérgio. **O COMECON**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O Colapso da URSS: Um estudo das causas**. Orientador: Oswaldo Coggiola. São Paulo. 2006

SANTOS, Ricardo José dos. **CAME**: Limites da “integração socialista” no século XX. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13484>>. Acesso em 25.fev. 2016.

VAN OUDENAREN, John. **The Urengoi pipeline**: Prospects for Soviet Leverage. Santa Monica: Rand Corporation, 1984.

ZAGORIA, Donald S. **Khrushchev's Attack on Albania and Sino-Soviet Relations. The China Quarterly**. Cambridge, p. 1-19. Oct-1961. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/651662>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

ZEDONG, Mao. **O livro vermelho**: citações do comandante Mao Tsé-Tung. São Paulo: Martin Claret, 2008.